

“A VOZ DAS PROFUNDEZAS” – Guerra submarina no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial

A melhoria constante do torpedo, juntamente com a melhoria gradual no tamanho, na força motriz e na velocidade das embarcações submarinas, no futuro próximo, resultará na arma ofensiva mais perigosa e que terá uma grande parte na decisão das ações da frota.
(Tenente Chester W. Nimitz, em 1912)

CARLOS ROBERTO CARVALHO DARÓZ*
Historiador

SUMÁRIO

Introdução
Composição de forças
A “Voz das Profundezas” ressoa no Pacífico
Movimentos finais da guerra submarina no Pacífico
Reflexões finais

INTRODUÇÃO

“No Pacífico, no Oceano Índico e no Atlântico, lembramo-nos da multiplicação de ressentidos guerreiros adormecidos; em nossos ouvidos, ouvimos o susurro da ‘voz das profundezas do mar’.”¹ Com essas palavras, proferidas em 16 de agosto de 1945, Mochitsura Hashimoto,

um dos mais destacados comandantes de submarinos da Marinha Imperial do Japão, resumiu o papel desempenhado pelos submersíveis e o sacrifício de suas tripulações nos diferentes teatros de operação da Segunda Guerra Mundial.

Ainda que tenha sido idealizado como conceito séculos antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foi este conflito

* Doutorando em História Social (Universidade Federal Fluminense), mestre em História (Univero) e em Operações Militares (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro), especialista em História Militar (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-Unirio). Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e professor do curso de pós-graduação em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina.

1 POLMAR, N.; CARPENTER, D. *Submarines of the Imperial Japanese Navy*. London: Conway, 1986, p. 7.

que testemunhou a estreia operacional em larga escala de uma arma inovadora: o submarino. Concebido para equilibrar a guerra no mar, fazendo frente a forças navais de superfície esmagadoramente superiores, o submarino inaugurou uma era de possibilidades de atuar contra as rotas globais de navegação, com o propósito de estrangular e solapar a economia de guerra dos países inimigos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, foram os alemães quem mais desenvolveram a arma submarina, por meio da qual visualizaram ser possível enfrentar os britânicos com sua poderosa Marinha Real e sua numerosa frota mercante. Finda a guerra, a derrotada Alemanha absorveu valiosas lições e, a despeito das proibições decorrentes do Tratado de Versalhes², continuou a desenvolver, em segredo, seus projetos de submarinos.

Quando da deflagração da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, os alemães novamente lançaram mão de sua arma submarina, travando no Oceano Atlântico uma renhida campanha contra os comboios Aliados e suas escoltas. O emprego dos submarinos, no entanto, não se circunscreveu ao Atlântico – embora esse fosse seu principal palco de atuação –, mas estendeu-se também para o Mediterrâneo e para o Pacífico. Neste oceano, o maior do

mundo em extensão e superfície, uma guerra submarina menos conhecida foi travada, tendo como oponentes a Marinha Imperial do Japão e as Marinhas aliadas, especialmente a dos Estados Unidos da América (EUA). A vigorosa campanha desencadeada pelo “Serviço Silencioso”, como ficou conhecida a força de submarinos norte-americanos no Pacífico, foi decisiva para atuar contra a navegação mercante japonesa e fazer pender em favor dos Aliados o resultado da guerra naquele Teatro de Operações.

O presente artigo tem como propósito analisar a guerra submarina no Oceano Pacífico, desencadeada entre dezembro de 1941 e agosto de 1945, destacando seus principais atores e contabilizando os resultados alcançados.

A campanha de submarinos norte-americanos no Pacífico foi decisiva contra a navegação mercante japonesa e fez pender para os Aliados a guerra naquele Teatro de Operações

COMPOSIÇÃO DE FORÇAS

“Pressionem em todos os ataques”, escreveu em 1944 o Contra-Almirante James Fife, comandante da Força de Submarinos da 7ª Esquadra dos EUA no Pacífico, em suas ordens permanentes. “[...] persigam implacavelmente, lembrando que a missão é destruir todos os navios possíveis de serem inimigos. Não os avariem ou os deixem para trás para afundar, certifiquem-se que eles afundaram”.³ Os submarinos norte-americanos no Pacífico, auxiliados pelos britânicos

2 O Tratado de Versalhes, celebrado após o término da Primeira Guerra Mundial, proíbe a Alemanha de desenvolver projetos ou construir submarinos. Ver FONTENOY, P. *Weapons and warfare: submarines*. Santa Barbara: ABC Clío, 2007, p. 24.

3 MORISON, S. E. *The rising sun in the Pacific: history of United States naval operations in World War II*. Urbana: University of Illinois Press, 2001.

e holandeses, levaram a ordem do Almirante Fife à risca, obtendo resultados devastadores contra as embarcações japonesas. Às vésperas do VJ-Day (Dia da Vitória contra o Japão), em agosto de 1945, os submarinos Aliados encontravam-se literalmente sem alvos inimigos para afundar. Na ocasião, apesar de os submarinos constituírem somente 2% do poderio naval norte-americano no Pacífico, no curso da guerra eles haviam afundado cerca de 2/3 da tonelagem de navios mercantes japoneses e um entre cada três navios de guerra da Marinha Imperial. Após o fim da guerra, o Primeiro-Ministro Hideki Tojo avaliou que três foram os principais fatores que resultaram na derrota do Japão: a estratégia aliada de avanço de ilha em ilha (*leap frog*, literalmente, pulo do sapo), os ataques desfechados pelas forças rápidas de porta-aviões e a guerra de atrito conduzida pelos submarinos.⁴

No princípio da guerra, em dezembro de 1941, as Marinhas dos EUA e do Japão possuíam forças submarinas equivalentes. Nenhuma das duas havia conduzido operações navais com submersíveis durante a Primeira Guerra Mundial, e ambas iniciaram o conflito priorizando o ataque contra navios de guerra. A diferença crucial entre as forças submarinas oponentes consistiu, no decorrer do conflito, nos avanços tecnológicos, na capacidade de aprendizagem tática e no desdobramento estratégico adequado dos submarinos. Nesses três campos, os norte-americanos mostraram-se mais capazes do que os japoneses, o que se refletiu no resultado da guerra submarina.

Por ocasião do ataque a Pearl Harbor, a Marinha dos EUA possuía 55 submarinos em serviço no Pacífico, cerca de metade deles baseada no Havaí, e os demais atuando na Esquadra Asiática, operando a partir das Filipinas.⁵ Algumas dessas embarcações eram os pequenos e obsoletos da classe *S*, de 800-100 toneladas, mas a maior parte dos meios pertencia à classe *Gato*, um moderno submarino de esquadra de 1.500 toneladas. Os *Gato* eram embarcações com raio de ação de 10 mil milhas e capacidade de conduzir patrulhas de até 60 dias. Navegando na superfície com propulsão diesel-elétrica, podiam atingir velocidade superior a 20 nós, e, quando submersos, suas baterias possibilitavam uma operação de 48 horas a 2,5 nós. Essa classe de submarinos era armada com dez torpedos de 21 polegadas, com 18 recargas, além de canhões de 3 e 5 polegadas no convés e metralhadoras calibre .50 para defesa anti-aérea.⁶

Um aperfeiçoamento da classe *Gato* resultou na classe *Balao*, projeto muito bem sucedido com 120 unidades construídas, a classe de submarinos mais numerosa da Marinha dos EUA. Os *Balao* possuíam ligeiras modificações internas, mas a melhoria mais significativa era a utilização de aços mais espessos, que conferiam maior rendimento ao casco de pressão e permitiam operações em profundidades de até 120 metros.⁷

Os japoneses possuíam em seu acervo 60 submarinos, 47 da classe *Tipo I* e 13 menores, da classe *RO*. Os *Tipo I* deslocavam, em média, conforme o modelo, 2 mil toneladas e alcançavam velocidades de superfície e submersos de 24 e 8 nós,

4 GRIBBLE, R. *Navy priest: the life of Captain Jake Laboon*. Washington: The Catholic University of America Press, 2015, p. 97.

5 CHRISTLEY, J.; BRYAN, T. *US submarines 1941-45*. Oxford: Osprey Publishing, 2006, p. 33.

6 *Ibid.*, p. 8

7 SASGEN, P. *Red Scorpion: the war patrols of the USS Rasher*. Annapolis: Naval Institute Press, 2002, p. 17.

respectivamente. Seu raio de ação possibilitava a realização de patrulhas que variavam, de acordo com as condições de mar, de 10 mil a 17,5 mil milhas. Eram armados com 24 torpedos de 21 polegadas, que podiam ser disparados por meio de oito tubos, e com capacidade de 18 recargas. Também possuíam, no convés, um ou dois canhões de 4,7 ou 5,5 polegadas, além de armamento antiaéreo variado.⁸

A única vantagem que os submarinos japoneses possuíam era a qualidade superior de seus torpedos. Propelidos a oxigênio e podendo atingir 40 nós de velocidade, os torpedos Tipo 95 japoneses eram armas eficazes em longos alcances e, em todos os aspectos, superiores aos produzidos nos EUA⁹. Seus congêneres norte-americanos falhavam com frequência, e foram necessários dois longos anos para que os engenheiros de armamento do país conseguissem identificar e corrigir os defeitos e fabricar torpedos mais confiáveis.

Antes da guerra, a Marinha dos EUA era extremamente mesquinha no treinamento com torpedos, e o fato de um comandante não conseguir recuperar um torpedo de manejo após o final de um exercício era considerado uma falta disciplinar grave. Os torpedos eram frequentemente lançados entre 8 e 10 pés abaixo da profundidade adequada, de modo que os detonadores magnéticos, projetados para serem acionados pelo campo magnético

gerado pelo casco metálico do alvo, não funcionavam adequadamente. De modo semelhante, os torpedos dotados de detonadores de contato somente tinham bom resultado quando o impacto ocorria em ângulo oblíquo, em vez de perpendicularmente ao casco do alvo. Ironicamente, os comandantes de submarinos norte-americanos eram repreendidos quando obtinham esse impacto oblíquo, por terem atingido os alvos frontalmente, o que feria a doutrina de emprego vigente. As falhas de projeto foram agravadas por engenheiros e burocratas que se recusavam a dar crédito aos relatos de comandantes de submarinos que diziam ter ouvido seus

torpedos atingindo o casco do alvo, mas não explodirem¹⁰.

O USS *Corvina* foi o único submarino norte-americano afundado por submarino japonês na Segunda Guerra Mundial

A “VOZ DAS PROFUNDEZAS” RESSOA NO PACÍFICO

Nos primeiros meses da guerra, os submarinos japoneses obtiveram considerável sucesso afundando navios de guerra Aliados, especialmente no verão de 1942. Durante a Batalha de Midway, o *I-168* administrou o golpe final que soçobrou o Porta-Aviões USS *Yorktown*, bem como afundou o Contratorpedeiro USS *Hammann*. Alguns meses mais tarde, em 15 de setembro de 1942, com uma única salva de torpedos, o Submarino *I-19* afundou o Porta-Aviões USS *Wasp* e danificou o encouraçado USS *North Carolina* e o Contratorpedeiro USS *O'Brien*. Em

8 POLMAR, N.; CARPENTER, D. *op.cit.*, p. 88.

9 NAVAL Weapons, Naval Technology and Naval Reunions. *Torpedoes of Japan*. Disponível em: http://www.navweaps.com/Weapons/WTJAP_WWII.php. Acesso em: 28 jun. 2020.

10 GANNON, R. *Helions of the deep: the development of American torpedoes in World War II*. University Park: Penn State University Press, 1996.

13 de novembro de 1942, o Submarino *I-26* torpedeou e afundou o Cruzador Antiaéreo USS *Juneau*, e, um ano depois, em 23 de novembro, o *I-175* afundou o Porta-Aviões de Escolta USS *Liscome Bay*, ambos com grande perda de vidas. O *I-176* avariou gravemente o Cruzador Pesado USS *Chester* em 20 de outubro de 1942, deixando-o em reparos por cerca de um ano; também afundou, em 16 de novembro de 1943, o USS *Corvina*, o único submarino norte-americano afundado por um submarino japonês em toda a guerra. Ainda no primeiro ano do conflito, submarinos japoneses torpedearam o Porta-Aviões USS *Saratoga* e, embora não o afundassem, obrigaram-no a demorados reparos no estaleiro, tornando-o indisponível para participar de importantes operações no Pacífico.¹¹

Mas, apesar desses sucessos, a tendência fatal japonesa de se entregar a atividades periféricas e secundárias logo começou a solapar o poder de combate de

sua força de patrulha submarina. A Marinha Imperial desviava frequentemente seus submarinos para transportar minisubmarinos sem qualquer propósito tático, a fim de atuar como estações repetidoras de comunicações, abastecer hidroaviões de patrulha no meio do oceano (Figura 1), ou bombardear alvos costeiros de superfície, como ocorreu em Midway, nas Ilhas Johnston e nas costas de Vancouver e do Oregon. Esse emprego equivocado comprometeu seriamente as capacidades da força submarina japonesa.

A Marinha Imperial adotou também o conceito de “submarino porta-aviões”, começando com os *Tipo J3*, produzidos entre 1937 e 1938. Ao todo, 41 submarinos foram construídos com a capacidade de transportar hidroaviões, a maioria deles podendo transportar apenas uma aeronave. O *I-14*, contudo, tinha espaço para dois hangares, e a gigante classe *I-400* podia operar três aviões.¹² Essas aeronaves davam às embarcações uma

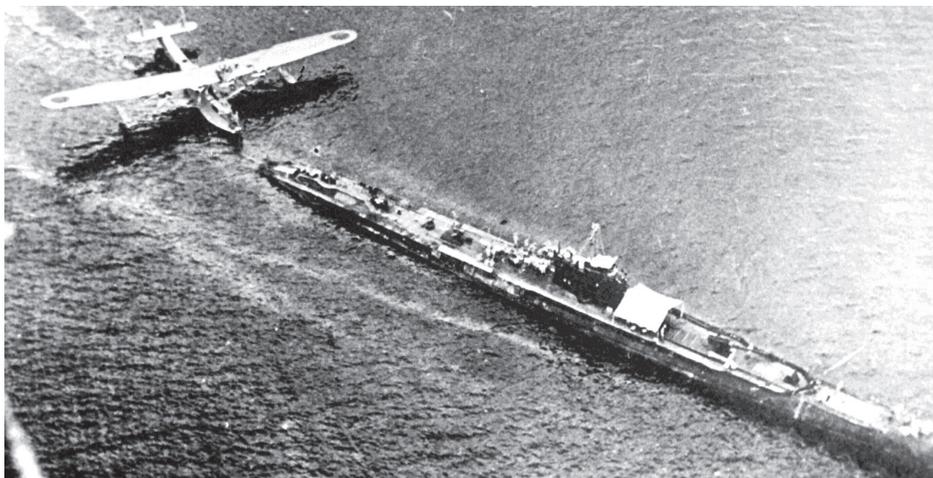


Figura 1 – O desvio de unidades de primeira linha para tarefas secundárias prejudicou as operações submarinas japonesas. Na foto, o *I-22* reabastece um hidroavião de patrulha de longo alcance Kawanishi H6K Mavis.

11 HASIMOTO, M. *Sunk: the story of the Japanese Submarine Fleet, 1941–1945*. New York: Henry Holt, 1954.
12 O lançamento das aeronaves de reconhecimento demandava que o submarino emergisse uma hora antes, tempo necessário para montar e preparar os aviões para o voo.

capacidade de esclarecimento valiosa, de milhares de milhas em todas as direções. Em 9 de setembro de 1942, um avião lançado por um desses submarinos, o *I-25*, conduziu o único ataque aéreo contra os EUA continentais, quando o Subtenente Nobuo Fujita, pilotando um avião de observação Yokosuka E14Y, lançou quatro bombas incendiárias de 168 libras, na tentativa de iniciar incêndios florestais nos arredores da cidade de Brookings, no Oregon. No início do ano, em fevereiro de 1942, o submarino *I-17* disparou vários projéteis de seu canhão de convés contra os campos petrolíferos de Elwood, perto de Santa Barbara, Califórnia. Nenhuma dos dois ataques provocou danos sérios¹³.

Com o avançar da guerra, cada vez mais submarinos japoneses foram retirados da atividade de patrulha e deslocados para transporte de tropas, munição e suprimentos para guarnições insulares ultrapassadas e isoladas pelo rápido avanço Aliado no Pacífico. Assim, as linhas de submarinos de patrulha japonesas, estabelecidas em diferentes momentos da guerra, realizaram muito pouco. Às vésperas da Batalha de Midway, em 1942, os submarinos da Marinha Imperial chegaram à zona de combate tardiamente, bem depois de a esquadra norte-americana tê-los ultrapas-

sado. Tempos depois, os 16 submarinos japoneses em operação no Golfo de Leyte afundaram apenas um navio, o Contratorpedeiro de Escolta USS *Eversole*, afundado pelo *I-45*.¹⁴

Em contrapartida, as táticas de combate e os equipamentos de detecção da Marinha dos EUA foram significativamente aperfeiçoados, resultando no afundamento de muitos submarinos japoneses. Apenas o Contratorpedeiro de Escolta USS *England* conseguiu, em 1944 e no curto espaço de 12 dias, afundar seis submarinos japoneses, estabelecendo o recorde de submer-

síveis afundados por um único navio, que não foi quebrado até os dias de hoje¹⁵.

Provavelmente, o uso mais adequado que os japoneses poderiam ter feito de sua arma submarina seria cortar as linhas de comunicação e suprimento entre

Pearl Harbor, Austrália e Micronésia, mas tal esforço não se concretizou.

Em razão de sua amplitude e dos meios empregados, a guerra submarina no Pacífico não pode ser comparada, sob nenhum aspecto, à campanha do Atlântico, onde os *u-boats* alemães travaram uma intensa batalha contra as forças de escolta Aliadas. A Marinha dos EUA começou a organizar comboios e a escoltá-los no Pacífico somente no final de 1943, mas, em razão da reduzida atividade submarina

O Contratorpedeiro de Escolta USS *England* em 12 dias afundou seis submarinos japoneses, estabelecendo recorde que não foi quebrado até hoje

13 WEBBER, B. *Retaliation: japanese attacks and allied countermeasures on the Pacific Coast in World War II*. Corvallis: Oregon State University Press, 1975.

14 FOSTER, J. *Eversole I (DE-404)*. *Naval History and Heritage Command*, 2019. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/research/histories/ship-histories/danfs/e/eversole-i.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

15 PECK, M. “Meet the USS *England*: the warship that sent the most submarines to the ocean floor”. *The National Interest*. Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/reboot/meet-uss-england-warship-sent-most-submarines-ocean-floor-162724>. Acesso em: 14 jun. 2020.

japonesa, muitos navios optaram por cruzar o oceano isoladamente, sem escolta.

Os norte-americanos também utilizaram seus submarinos para uma ampla gama de propósitos no Extremo Oriente: transporte de agentes secretos, espões, sabotadores e lideranças políticas; desembarque de observadores costeiros e destacamentos de comandos; transporte de munição e combustível; reconhecimento meteorológico e de praias de desembarque; localização de campos minados via sonar e bombardeio costeiro, entre outros. No entanto, apesar desse emprego periférico, ao contrário dos japoneses e seguindo o exemplo dos alemães no Atlântico, os submarinos da Marinha dos EUA dedicaram seu esforço principal às ações de patrulha contra os navios mercantes inimigos, embora também atribuíssem grande importância ao ataque a navios de guerra. Em 1942, os submarinos norte-americanos foram equipados com os eficientes radares SD, de busca aérea, e SJ, empregado contra alvos de superfície, adquirindo a capacidade de realizarem ataques noturnos com o auxílio desses equipamentos.¹⁶ Os radares representaram uma enorme vantagem, na medida em que os japoneses somente introduziram equipamento análogo no final da guerra, e muito inferiores tecnologicamente.

Ao emprego errático de seus submarinos, a Marinha Imperial japonesa acrescentou sua quase completa incapacidade em combater os submarinos norte-americanos. De acordo com sua doutrina militar, os japoneses eram obcecados pela ideia de guerra ofensiva e, como ocorreu com os britânicos na Primeira Guerra

Mundial, consideravam a organização de comboios escoltados uma atividade “defensiva”, incompatível com uma nação com *ethos* guerreiro filosoficamente baseado no espírito do guerreiro (*Bushido*). Dessa forma, não introduziram o sistema de escoltas até o fim de 1943 e nunca foram capazes de proteger adequadamente seus navios mercantes. Ao mesmo tempo, corroborando com o espírito ofensivo, a Marinha Imperial planejava construir mais 20 porta-aviões e começou a converter o casco do terceiro encouraçado da classe *Yamato*, o *Shinano*, em um grande porta-aviões de 60 mil toneladas. Com todos os engenheiros e operários dos estaleiros dedicados à produção dessas embarcações “ofensivas”, foi atribuída pouca prioridade à fabricação de navios de escolta, como contratorpedeiros, fragatas ou corvetas.

O Japão também não conseguiu acompanhar o desenvolvimento tecnológico dos submarinos verificado nos EUA. Ao mesmo tempo em que a Marinha Imperial japonesa chegou ao fim da guerra com os mesmos tipos de submarinos utilizados em 1941, os norte-americanos avançaram muito tecnologicamente. A classe *Balao*, muito sofisticada para a época, é um exemplo da superioridade tecnológica dos submarinos norte-americanos. A Força de Submarinos do Pacífico (dos EUA) iniciou o ano de 1943 com 53 submarinos e, apesar de ainda operar com torpedos ineficientes e não confiáveis, havia conseguido afundar 22 navios de guerra e 296 navios mercantes japoneses, superando 1,3 milhão de toneladas¹⁷.

Operando a partir de bases em Pearl Harbor, Fremantle e Brisbane, os submari-

16 CHRISTLEY, J.; BRYAN, T., *op.cit.*, p. 14.

17 NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. *Japanese naval and merchant shipping losses during World War II by all causes*, 1947. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/j/japanese-naval-merchant-shipping-losses-wwii.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

nos norte-americanos tiveram seu alcance operacional muito ampliado, estendendo-se desde as Ilhas Aleutas e Kurilas, onde atuavam os antiquados classe *S*, até as costas da Malásia e da Birmânia. Ataques assistidos por radar tornaram-se comuns, e novas táticas foram introduzidas, como as “alcateias”, desenvolvidas pelos alemães na Batalha do Atlântico, onde grupos de três ou quatro submarinos atuavam de modo coordenado a fim de detectar, perseguir e atacar alvos inimigos.

Na Campanha do Pacífico, o ano de 1944 foi o mais importante para a guerra submarina. O ano começou com 75 submarinos norte-americanos, alguns obsoletos classe *S*, mas a tonelagem afundada aumentou, atingindo a cifra de 2,14 milhões, das quais 1/3 delas de navios-tanque, comprometendo seriamente o poder de combate japonês.

Em abril, o Almirante Ernest King, comandante da Marinha dos EUA, determinou a seus submarinos que atacassem, em segunda prioridade, os contratorpedeiros japoneses, depois dos navios capitais (porta-aviões, encouraçados e cruzadores)

e antes dos navios-tanque e cargueiros mercantes. Até o final da guerra, os submarinos dos EUA afundaram 39 contratorpedeiros, sendo o mais bem-sucedido o USS *Harder*, que, sob as ordens do Comandante Sam Dealey, afundou três navios desse tipo em sequência (*Minazuki*, *Hayanami* e *Tanikaze*), em apenas três dias, ao largo de Tawitawi, no princípio de junho de 1944. Dealey recebeu como prêmio a Medalha de Honra do Congresso, a mais importante condecoração dos EUA, mas tanto ele quanto o *Harder* desapareceram em Luzon, nas Filipinas, no mês seguinte, quando realizava sua sexta patrulha¹⁸.

Depois da Batalha do Mar das Filipinas, mais submarinos foram designados para atacar as linhas de navegação mercantes japonesas. Em junho de 1944, Submarino USS *Tang* afundou, em sua terceira patrulha na guerra, oito navios japoneses, totalizando 56 mil toneladas. Ao todo, nas cinco patrulhas que realizou, o *Tang* (Figura 2) afundou 31 mercantes japoneses, resultando em uma tonelagem combinada de 227 mil e tornando-se o submarino norte-americano mais bem-sucedido nesse quesito¹⁹.

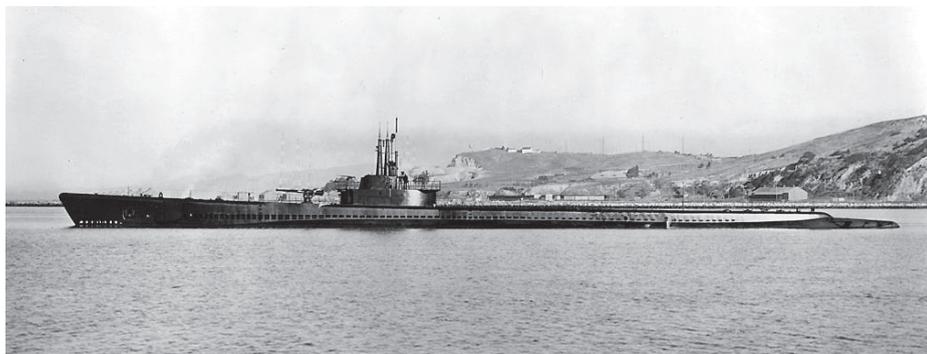


Figura 2 – USS *Tang*, submarino da classe *Balao*, que afundou 31 navios mercantes japoneses durante a guerra

18 NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. *Harder* (SS 257). Disponível em: <https://www.history.navy.mil/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/u/united-states-submarine-losses/harder-ss-257.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

19 McDANIEL, J. T. *USS Tang* (SS-306): american submarine war patrol reports. New York: Riverdale Books, 2005.

Em agosto de 1944, a base principal dos submarinos norte-americanos no Pacífico foi deslocada para Saipan, levando sua operação para bem mais próximo das ilhas metropolitanas do Japão. Os comboios japoneses, fracamente escoltados, foram forçados a abandonar a rota costeira no lado ocidental de Luzon e passaram a operar na costa leste da China. Nesse período, a extensa porção de oceano compreendida entre o Mar da China e o Estreito de Luzon até Formosa foi apelidada de “Convoy College” (“Colégio de Comboios”). Táticas de ataque em grupo foram refinadas, e as alcateias de submarinos receberam nomes pitorescos, em sua maioria fazendo referência a seus comandantes, como “Blair’s Blasters”, “Wogans’s Wolves”, “Loye’s Coyotes”, entre outros. Logo os submarinos começaram a prevalecer também nessa área marítima. O Comandante “Red” Ramage, do USS *Parche*, em um ataque utilizando a tática da alcateia, juntamente com o USS *Steelhead* e o USS *Hammerhead*, atacou um comboio japonês no Estreito de Luzon, na noite de 30-31 de julho, e conseguiu afundar um navio-tanque, dois transportes e dois cargueiros, totalizando 39 mil toneladas.²⁰

Outra alcateia, composta pelos USS *Redfish*, USS *Picuda* e USS *Spadefish*, liderada pelo Comandante G.R. Donaho, afundou quatro navios de um mesmo comboio, finalizando sua patrulha com o resultado total de 64,5 toneladas.²¹ Em 23 de outubro de 1944, ao largo de Formosa, o USS *Tang*, do Comandante Richard

O’Kane, conseguiu pôr a pique três mercantes japoneses pesadamente carregados de suprimentos vitais para a guerra.²²

Em outubro, os 68 submarinos norte-americanos em operação afundaram 320,9 toneladas de navios japoneses (Figura 3), sendo aquele o mês com melhor resultado em toda a campanha do Pacífico. Em novembro, o resultado obtido foi de 214,5 toneladas, mas, após isso, os alvos começaram literalmente a escassear, acompanhando a derrocada do Japão diante do avanço Aliado.²³ E foi exatamente nesse período de poucos alvos que a força de submarinos dos EUA obteve sua mais significativa vitória no Pacífico, de enorme efeito psicológico.

No dia 28 de novembro de 1944, o USS *Archerfish*, comandado por Joe Enwright, encontrava-se em missão de piquete-rádio a cem milhas ao sul da Baía de Tóquio, com a finalidade de orientar o deslocamento das esquadilhas de B-29 que bombardeavam sistematicamente as cidades japonesas. Por volta das 9 horas da manhã, o radar da embarcação assinalou um contato identificado como um grande navio, ziguezagueando em grande velocidade e escoltado por quatro embarcações menores, possivelmente contratorpedeiros. Por volta das 3 horas da manhã do dia 29, o *Archerfish* confirmou o contato e mergulhou para atacar o alvo, lançando uma salva de seis torpedos a um alcance de 1.400 jardas. Na escuta acústica do submarino, foram ouvidos dois impactos e depois mais quatro, indicando que todos os seis torpedos haviam atingido o alvo, até

20 ALDEN, J.; McDONALD, C. *United States and Allied submarines successes in the Pacific and Far East during World War II*. Jefferson: McFarland & Co., 2009, p. 184.

21 O’CONNELL, J. *Submarine operational effectiveness in the 20th Century*. Part Two (1939-1945). Bloomington: iUniverse Inc.: 2011, p. 242.

22 McDANIEL, J. T., *op.cit.*

23 NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. *Japanese naval and merchant shipping losses during World War II by all causes*, 1947, *op.cit.*

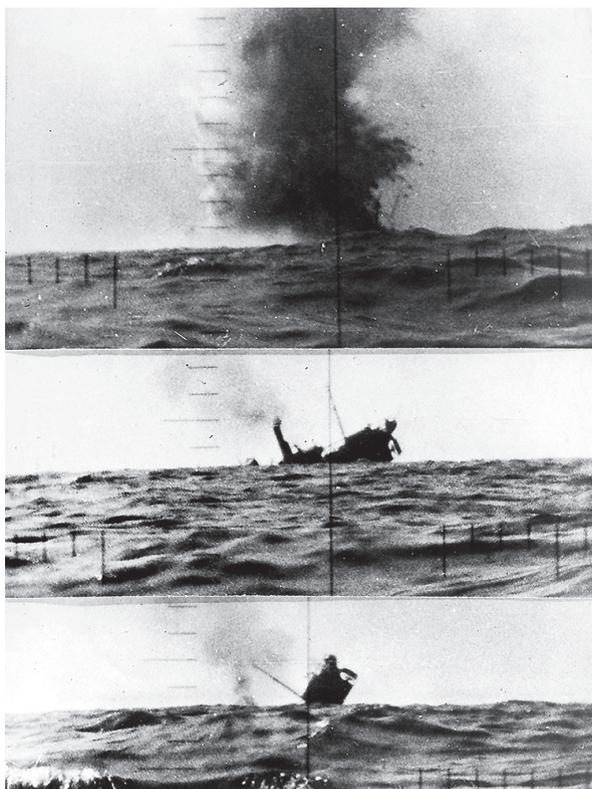


Figura 3 – Navio mercante japonês afunda no Pacífico após ter sido torpedeado por um submarino norte-americano. Nos últimos meses da guerra, não havia mais alvos a serem afundados

então identificado apenas como um navio de grande porte. Ao amanhecer, o Comandante Enwright levou seu submarino à profundidade de periscópio e procurou identificar algum indício do afundamento, mas não conseguiu visualizar nada. Somente tempos mais tarde a vitória foi confirmada: o USS *Archerfish* havia afundado o super Porta-Aviões *Shinano*, de 60 mil toneladas, o maior do mundo na época, que foi ao fundo levando consigo

1.235 de seus 1.900 tripulantes. O *Shinano* permanece até hoje como o maior navio de guerra afundado por um submarino²⁴.

O ano de 1944 terminou com o USS *Redfish*, do Comandante L.D. McGregor, afundando dois porta-aviões japoneses em sequência, o *Junyo* (9 de dezembro) e o *Unryo* (19 de dezembro), este uma novíssima embarcação que acabara de ser comissionada.²⁵ As vitórias norte-americanas em 1944, no entanto, tiveram

24 BELL, K. “This is how a Navy submarine sunk the Japanese aircraft carrier *Shinano*, the largest warship in History to be sunk by a sub”. *The National Interest*. Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/buzz/how-navy-submarine-sunk-japanese-aircraft-carrier-shinano-largest-warship-history-be-sunk>. Acesso em: 28 jun. 2020.

25 UBOAT.NET. *Redfish (SS-395)*. Disponível em: <https://uboat.net/allies/warships/ship/3128.html>. Acesso em: 29 jun. 2020.

um preço. Quinze submarinos dos EUA foram perdidos, mas, no mesmo período, 54 submersíveis japoneses foram afundados no Pacífico.

MOVIMENTOS FINAIS DA GUERRA SUBMARINA NO PACÍFICO

Na primavera de 1945 havia apenas uma região na qual os navios japoneses podiam navegar com relativa liberdade: o próprio Mar do Japão. Em junho, contudo, esse último refúgio foi penetrado ao ser desencadeada a Operação Barney, quando uma alcateia composta por nove submarinos norte-americanos, sob o comando de E.T. Hydeman, do USS *Sea Dog*, cruzou o Estreito de Tsushima na noite de 6 para 7 e, nos 11 dias subsequentes, afundou 75 navios mercantes e o submarino japonês *I-122*, totalizando 57 mil toneladas.²⁶

Além dessas patrulhas de ataque contra a navegação japonesa, os submarinos dos EUA foram intensamente empregados para resgatar aviadores abatidos ou que precisaram realizar pousos de emergência no oceano por diferentes motivos, em sua maioria tripulações de B-29. No final da guerra, os submarinos haviam resgatado 504 aviadores, incluindo o Tenente George H. W. Bush, que mais tarde se tornaria o 41º presidente dos EUA.²⁷

A última vitória submarina significativa no Pacífico, no entanto, foi assinada pelos japoneses. Em 30 de julho de 1945, o *I-58*, do Tenente-Comandante Mochitsura Hashimoto, atacou e afundou o Cruzador Pesado USS *Indianapolis*,

300 milhas a nordeste das Filipinas. O *Indianapolis* regressava para os EUA, em missão secreta, após transportar para as Ilhas Marianas componentes da bomba atômica Little Boy, que seria lançada mais tarde contra Hiroshima. Mesmo navegando em ziguezague e com velocidade elevada, o cruzador afundou rapidamente, com a perda imediata de 850 homens de sua tripulação de 1.200. A tragédia foi potencializada pela demora da operação de resgate, decorrente do sigilo da missão, e pelo ataque de tubarões, que ceifou a vida de mais de 150 homens. Quando finalmente o resgate chegou, apenas 316 sobreviventes foram recolhidos. Como de costume na Marinha dos EUA, e como ocorrera após o ataque a Pearl Harbor, o comandante foi culpado pela tragédia. O Capitão Charles McVey III, comandante do USS *Indianapolis*, foi levado à corte marcial e pessoalmente responsabilizado pelo naufrágio, o que desconsiderou completamente os méritos táticos do *I-58*.²⁸

REFLEXÕES FINAIS

Quando o Japão deu início à guerra contra os EUA, em dezembro de 1941, o país possuía cerca de 6 milhões de toneladas de navios mercantes e uma das Marinhas de guerra mais poderosas do mundo. Como resultado da rápida expansão na Ásia e na Oceania, em fins de 1942 os japoneses haviam agregado à sua frota 670 mil toneladas de navios capturados e construído outras 270 mil toneladas de embarcações. No mesmo período, todavia, perderam 1.123 toneladas em navios afundados.²⁹

26 LOCKWOOD, C.; ADAMSON, H. *Hellcats of the sea: Operation Barney and the missions to the Sea of Japan*. Los Angeles: The Bowsprit Press, 2018.

27 CHRISTLEY, J.; BRYAN, T., *op.cit.*, pp. 42-44.

28 DARÓZ, C. “Reparando uma injustiça: a trágica história do capitão do USS *Indianapolis*”. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro, n.104, pp. 66-73, 2017.

29 PARILLO, M. *The Japanese merchant marine in World War II*. Annapolis: Naval Institute Press, 1993.

A partir de então, a situação do Japão se deteriorou ano após ano, e, em 1943, a tonelagem perdida atingiu a cifra de 1,8 milhão de toneladas. No ano seguinte, apesar de os estaleiros japoneses terem construído mais 1,7 milhão de toneladas, 969 toneladas foram afundadas pelos Aliados, uma perda catastrófica e de difícil reposição. Nos oito meses de guerra travados em 1945, o Japão perdeu mais 700 navios. Desse total, os submarinos Aliados, especialmente os norte-americanos, foram responsáveis pelo afundamento de 2.200 navios mercantes e 240 vasos de guerra, totalizando 5,5 milhões de toneladas, um resultado bastante significativo.³⁰

A deflagração da guerra, em 1941, encontrou as Marinhas dos EUA e do Japão em condições equivalentes no que diz respeito às suas forças de submarinos. Com o desenvolvimento do conflito, no entanto, os japoneses empregaram equivocadamente seus submersíveis, enquanto a Marinha dos EUA assumia o protagonismo tecnológico, operacional e estratégico no Pacífico.

Diante da intensidade do conflito, o custo da guerra submarina foi elevado no Oceano Pacífico, tanto na quantidade de embarcações quanto em suas tripulações.

Entre dezembro de 1941 e agosto de 1945, os japoneses perderam 128 submarinos, enquanto a Marinha dos EUA teve 52 navios do tipo afundados no Pacífico.³¹

A Força de Submarinos da Esquadra do Pacífico logrou estrangular a economia de guerra japonesa, atuando contra sua navegação mercante, particularmente devido ao fato de o Japão se tratar de um país insular extremamente dependente de matérias-primas importadas e do comércio marítimo.

Embora a campanha submarina no Pacífico tenha sido muito mais limitada do que a desenvolvida no Atlântico, as ações de combate demonstraram o valor do submarino, confirmaram sua viabilidade em combate e asseguraram sua presença nos conflitos futuros, colocando-os como importantes vetores de dissuasão em um cenário nuclear pós-Segunda Guerra Mundial.

Finalmente, pelos resultados obtidos, é inegável reconhecer que, com o desenvolvimento tecnológico e o emprego de táticas inovadoras e adequadas, o “Serviço Silencioso” da Marinha dos EUA contribuiu diretamente para a vitória contra os japoneses no Teatro de Operações do Pacífico.

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS>; Guerra Submarina; Segunda Guerra Mundial;

30 BLAIR, C. *Silent victory: the US submarine war against Japan*. Annapolis: Naval Institute Press, 2001.

31 NATIONAL PARK SERVICE. *War in the Pacific: The Pacific Offensive*. Disponível em: https://www.nps.gov/parkhistory/online_books/wapa/extContent/wapa/guides/offensive/sec6.htm#:~:text=The%20tremendous%20accomplishments%20of%20American,World%20War%20in%20Pacific%20waters. Acesso em: 29 jun. 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDEN, J.; McDONALD, C. *United States and Allied submarines successes in the Pacific and Far East during World War II*. Jefferson: McFarland & Co., 2009.
- BELL, K. “This is how a Navy submarine sunk the Japanese aircraft carrier *Shinano*, the largest warship in History to be sunk by a sub”. *The National Interest*. Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/buzz/how-navy-submarine-sunk-japanese-aircraft-carrier-shinano-largest-warship-history-be-sunk>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- BLAIR, C. *Silent victory: the US submarine war against Japan*. Annapolis: Naval Institute Press, 2001.
- CHRISTLEY, J.; BRYAN, T. *US submarines 1941-45*. Oxford: Osprey Publishing, 2006.
- DARÓZ, C. “Reparando uma injustiça: a trágica história do capitão do USS *Indianapolis*”. *Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro, n.104, pp. 66-73, 2017.
- FONTENOY, P. *Weapons and warfare: submarines*. Santa Barbara: ABC Clio, 2007.
- FOSTER, J. Eversole I (DE-404). *Naval History and Heritage Command*, 2019. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/research/histories/ship-histories/danfs/e/eversole-i.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- GANNON, R. *Helions of the deep: the development of American torpedoes in World War II*. University Park: Penn State University Press, 1996.
- GRIBBLE, R. *Navy priest: the life of Captain Jake Laboon*. Washington: The Catholic University of America Press, 2015.
- HASIMOTO, M. *Sunk: the story of the Japanese Submarine Fleet, 1941-1945*. New York: Henry Holt, 1954.
- LOCKWOOD, C.; ADAMSON, H. *Hellcats of the sea: Operation Barney and the missions to the Sea of Japan*. Los Angeles: The Bowsprit Press, 2018.
- McDANIEL, J. T. *USS Tang (SS-306): American submarine war patrol reports*. New York: Riverdale Books, 2005.
- MORISON, S. E. *The rising sun in the Pacific: history of United States naval operations in World War II*. Urbana: University of Illinois Press, 2001.
- NATIONAL PARK SERVICE. *War in the Pacific: The Pacific Offensive*. Disponível em: https://www.nps.gov/parkhistory/online_books/wapa/extContent/wapa/guides/offensive/sec6.htm#:~:text=The%20tremendous%20accomplishments%20of%20American,World%20War%20in%20Pacific%20waters. Acesso em: 29 jun. 2020.
- NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. *Harder (SS 257)*. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/u/united-states-submarine-losses/harder-ss-257.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- NAVAL HISTORY AND HERITAGE COMMAND. *Japanese naval and merchant shipping losses during World War II by all causes, 1947*. Disponível em: <https://www.history.navy.mil/research/library/online-reading-room/title-list-alphabetically/j/japanese-naval-merchant-shipping-losses-wwii.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- NAVAL WEAPONS, NAVAL TECHNOLOGY AND NAVAL REUNIONS. *Torpedoes of Japan*. Disponível em: http://www.navweaps.com/Weapons/WTJAP_WWII.php. Acesso em: 28 jun. 2020.
- O'CONNELL, J. *Submarine operational effectiveness in the 20th Century*. Part Two (1939-1945). Bloomington: iUniverse Inc.: 2011.
- PARILLO, M. *The Japanese merchant marine in World War II*. Annapolis: Naval Institute Press, 1993.
- PECK, M. “Meet the USS *England*: the warship that sent the most submarines to the ocean floor”. *The National Interest*. Disponível em: <https://nationalinterest.org/blog/reboot/meet-uss-england-warship-sent-most-submarines-ocean-floor-162724>. Acesso em: 14 jun. 2020.
- POLMAR, N.; CARPENTER, D. *Submarines of the Imperial Japanese Navy*. London: Conway, 1986.
- SASGEN, P. *Red Scorpion: the war patrols of the USS *Rasher**. Annapolis: Naval Institute Press, 2002.
- UBOAT.NET. *Redfish (SS-395)*. Disponível em: <https://uboaat.net/allies/warships/ship/3128.html>. Acesso em 29 jun. 2020.
- WEBBER, B. *Retaliation: Japanese attacks and allied countermeasures on the Pacific Coast in World War II*. Corvallis: Oregon State University Press, 1975.